



SIMONE DE BEAUVOIR E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

Simone de Beauvoir and phenomenological-existential psychotherapy: a critical review

Simone de Beauvoir y la psicoterapia existencial-fenomenológica: una revisión crítica de la literatura

**Ana Caroline Fonseca Lopes
Hernani Pereira dos Santos**

Resumo: As teorias de gênero têm ganhado terreno na produção científica brasileira, ainda que exista uma lacuna epistemológica na Psicologia e em pesquisas sobre a mulher que influenciam diretamente no fazer clínico. Sabendo que o propósito da clínica fenomenológica-existencial é promover uma forma de existir autêntica e livre, este trabalho teve como objetivo analisar quais aproximações podem ser realizadas entre a clínica fenomenológica-existencial e o pensamento de Simone de Beauvoir. Optou-se pela revisão crítica de literatura de um periódico de alcance nacional da abordagem: “Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica”. Foram selecionados doze artigos dos volumes 1 ao 13 (2009-2021). Como resultados, destacam-se a hegemonia da abordagem fenomenológica e a ausência de epistemologias críticas feministas - as análises ainda são cercadas de teorias hegemonicamente androcêntricas. O tema mais recorrente foi a maternidade, a mulher sendo associada primeiramente à sua condição biológica de reprodução. A corporeidade foi colocada a partir da sexualidade feminina, de psicopatologias do corpo, do envelhecimento e da maternidade; já na conjugalidade houve predominância de relacionamentos heterossexuais e as violências sofridas em relacionamentos tóxicos. Concluiu-se que o diálogo entre as abordagens fenomenológico-existenciais e Simone de Beauvoir é frutífero e juntos contribuem para o aperfeiçoamento de clínica psicológica crítica e situada.

Palavras-chave: Feminismo; Fenomenologia; Mulher; Psicoterapia; Simone de Beauvoir.

Abstract: Gender theories have gained ground in Brazilian scientific production, although there is an epistemological gap in Psychology and in research on women that directly influence clinical practice. Considering that the purpose of the phenomenological-existential psychotherapy is to promote an authentic and free way of being this work aimed to analyze which approximations can be made between the phenomenological-existential psychotherapy and the thought of Simone de Beauvoir. The option was made for a critical review of a national journal of this theoretical approach: “Phenomenological Studies”. Twelve articles from volumes 1 to 13 (2009-2021) were selected. As a result, it was highlighted the hegemony of the phenomenological approach, and the absence of critical feminist epistemologies stand out - the interpretations are still restricted by hegemonically androcentric theories. The most recurrent theme was motherhood, the woman being primarily associated with her biological condition of reproduction. Corporeality was based on female sexuality, body psychopathologies, aging and motherhood; in conjugality, however, there was a predominance of heterosexual relationships and the violence suffered in toxic relationships. It was concluded that the dialogue between the phenomenological-existential approaches and Simone de Beauvoir is fruitful and together they contribute to the improvement of a critical and situated psychological clinic.

Keywords: Feminism; Phenomenology; Psychotherapy; Simone de Beauvoir; Woman.

Resumen: Las teorías de género han ganado terreno en la producción científica brasileña, aunque existe un vacío epistemológico en la Psicología y en las investigaciones sobre la mujer que influyen directamente en la práctica clínica. Considerando que la finalidad de la psicoterapia fenomenológico-existencial es promover un modo de ser auténtico y libre, este trabajo tuvo como objetivo analizar qué aproximaciones pueden realizarse entre la

psicoterapia fenomenológico-existencial y el pensamiento de Simone de Beauvoir. Se optó por una revisión crítica de la literatura de una revista nacional de este enfoque teórico: “Phenomenological Studies - Revista del Enfoque Gestáltico”. Se seleccionaron doce artículos de los volúmenes 1 al 13 (2009-2021). Como resultado, se destacó la hegemonía del enfoque fenomenológico y la ausencia de epistemologías feministas críticas: las interpretaciones aún están restringidas por teorías hegemónicamente androcéntricas. El tema más recurrente fue la maternidad, asociándose la mujer principalmente a su condición biológica de reproducción. La corporalidad se basó en la sexualidad femenina, las psicopatologías corporales, el envejecimiento y la maternidad; en la conyugalidad, sin embargo, predominaron las relaciones heterosexuales y la violencia sufrida en las relaciones tóxicas. Se concluyó que el diálogo entre los enfoques fenomenológico-existencial y Simone de Beauvoir es fructífero y juntos contribuyen al perfeccionamiento de una clínica psicológica crítica y situada.

Palabras-clave: Feminismo; Fenomenología; Mujer; Psicoterapia; Simone de Beauvoir.

O que se entende hoje por movimento feminista e luta das mulheres têm um passado recente na história escrita. Historicamente, o debate das categorias de análise gênero, mulher e sexo, se deu pela necessidade de compreender como a subordinação das mulheres se construía em relação ao patriarcado e pelo desejo emancipatório de luta pela liberdade (Pedro, 2005; Santos et al., 2016). Pedro (2005) retrata que embora a categoria gênero tenha sido difundida nos anos 80, as discussões sobre *o que é ser mulher* se fizeram presente desde a primeira onda feminista com autoras como Margareth Mead e Robert Stoller. Após a segunda onda, gênero enquanto conceito passa a ser entendido dentro das relações de poder, historicamente demarcadas e construídas (Matos, 2008). Joan Scott (1995) é uma das responsáveis por categorizar o que se entendia por gênero até então, e dividiu as abordagens da seguinte forma:

A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias angloamericanas de relação do objeto (object-relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (p.77)

Resumidamente, o “uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (Scott, 1995, p. 76). Essas teorias têm ganhado terreno na produção científica brasileira evidenciando o processo histórico complexo que perpassa e sustenta até hoje as relações de sexo através de uma hierarquização de saberes e de poderes (Reyes et al., 2017). Todavia, a heterogeneidade epistemológica sobre o conceito e sua complexidade teórica podem gerar um potencial desmobilizador, fragmentado e apolítico (Santos et al., 2016). Como

exemplo, aponta Scott (1995), ao mesmo tempo em que usar o termo *gênero* pode proporcionar seriedade em uma pesquisa devido sua neutralidade, ele substitui a palavra *mulher* apagando singularidade de sua experiência enquanto um ser diferente do homem.

Somado a isto, ainda existe um afastamento político e situacional das pesquisas teóricas em Psicologia, o que leva, muitas vezes, a atuações clínicas desprovidas de criticidade social (Narvaz & Koller, 2006). Butler (2014) nomeia de *regulação de gênero* a norma que impera uma condição de ser no mundo, ou seja, “uma forma de poder social que produz o campo inteligível de sujeitos, e um aparato pelo qual o binarismo de gênero é instituído” (p. 261). É uma estratégia de grupos privilegiados utilizarem esses poderes regulatórios (médico, psiquiátrico e legal) para manutenção da norma, evitando a insurgência de novas formas de existir defendidas por movimentos sociais feministas, antirracistas e anti-imperialistas (Harding, 1991 citado por Narvaz & Koller, 2006; Butler, 2014).

Tendo em vista que “a imparcialidade, nesse contexto, não é possível, nem sequer desejável, especialmente porque se encontra comprometida com a mudança social (...)” (Narvaz & Koller, 2006, p. 651), a pesquisa que deu origem a este artigo buscou compreender a vivência do corpo situado do *ser-mulher* a partir da obra *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir. A escolha do livro se deu intencionalmente devido ao pioneirismo da autora em investir a análise do Ser à experiência de vida das mulheres, retirando esse conceito do referencial masculinista e inserindo sua visão existencial-fenomenológica associada à materialidade histórica.

Ainda hoje, discutir gênero é pisar em um terreno imprevisível e polêmico, sendo um dos motivos pelos quais as provocações de Beauvoir ainda instigam aqueles que se arriscam a estudá-la. Em uma de suas passagens mais conhecidas onde escreve que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 11), a autora sintetiza sua ideia primordial: o que conhecemos por mulher não pode ser definido unicamente pela biologia, psicanálise e muito menos pelo materialismo histórico, visto que essa figura é um produto da construção social. A partir disso, seu objetivo é refletir como a experiência vivida da mulher, enquanto um sujeito diferente do homem, é dificultada na busca pela transcendência à liberdade (Moura, 2020).

Sabendo que o propósito da clínica fenomenológica-existencial é promover uma forma de existir autêntica e livre (Feijoo, 2017; Lessa & Sá, 2006; Roehe, 2012; Sá, 2002; Sá & Barreto, 2011; Santos & Sá, 2013), a pesquisa objetivou provocar a seguinte discussão: quais aproximações podem ser realizadas entre a clínica fenomenológica-existencial e o pensamento de Simone de Beauvoir que contribuam para o atendimento de mulheres? Para responder a esta

questão, esta pesquisa consistiu em uma revisão crítica da literatura amparada sobre uma hermenêutica feminista (Castro & Eggert, 2012; Gebara, 2008; Heinämaa, 2016), de tal forma que a construção das interpretações consiste em um diálogo entre (a) os “dados” encontrados textualmente nos artigos e (b) uma análise das presenças ou lacunas destes dados, considerando a tradição de pensamento como majoritariamente masculina e patriarcal e visando à subversão desta através de possibilidades para o ser-mulher na contemporaneidade.

A Clínica Fenomenológica-Existencial

Martin Heidegger e sua obra *Ser e Tempo* (1927/1999) foram grandes expoentes da clínica fenomenológica-existencial e ainda hoje inspiram o manejo clínico dessa linha terapêutica. Um dos conceitos fundamentais, traduzido no português como ser-aí, é o *Dasein*. Ele designa o modo de ser do ente humano, dotado de quatro propriedades: 1) existência que precede a essência; 2) singularidade de ser unicamente meu; 3) é responsável pelo próprio existir; e 4) é incompleto ontologicamente, ou seja, está constantemente em abertura para ser (Feijoo, 2011; 2012; Roehe, 2012). Conforme Sá e Barreto (2011):

Com relação às práticas psicológicas, as consequências dessa concepção do ser do homem como ‘existência’ demarcam uma atitude clínica nitidamente diferenciada, que poderíamos, resumidamente, sistematizar em três aspectos estritamente articulados entre si: o abandono de qualquer redução do humano a dimensões meramente orgânicas, psicológicas ou sociais, naturalmente compreendidas, [...] a suspensão de toda postura técnica e voluntarista, em que o terapeuta se coloca no lugar daquele que conduz a dinâmica do processo clínico a partir de suas representações técnico-conceituais sobre a existência do paciente ou a partir de seu desejo pessoal de impor mudanças; o exercício da atenção e do cuidado livre de expectativas, em que o outro é convidado a uma lembrança de si como pura ‘existência’ para, a partir daí, perspectivar seus limites e suas possibilidades mais próprias e singulares. (Sá & Barreto, 2011, p. 392).

O ser-no-mundo está em aberto, projetando-se para o mundo e sendo o único responsável por construir seu projeto existencial. Esse compromisso existencial que assume consigo mesmo se deve à característica de nada ontológica: se nada o constitui *a priori*, ele é livre para dar sentido à sua caminhada no mundo (Casanova, 2006). Todavia, na maior parte do tempo, o ser-aí vive na inautenticidade, fugindo de si. Essa fuga se dá devido à necessidade de familiaridade e proteção do ser para com o mundo. Quando a estranheiridade se apresenta,

o ser-aí é confrontado com sua natureza ontológica radical, onde nada essencialmente é, e se nada existe como referência, o ser se vê no colapso de significatividade (Casanova, 2006; Cabestan, 2010).

Seguindo nessa linha de raciocínio, o ser-aí é constituído por uma unidade existencial-ontológica caracterizada por Heidegger (1927/1999) como Cuidado (*Sorge*). O cuidado, na condição de preocupação, se divide, respectivamente, em dois tipos: o substitutivo e o antecipativo. O primeiro acontece quando o outro assume suas ocupações como se fossem suas, impossibilitando a autonomia existencial do ser; Santos e Sá (2013) avaliam que esse tipo de cuidado acontece em terapias que utilizam de muitas técnicas para dar conta do sofrimento, sem acolher devidamente o paciente. Já o cuidado antecipativo permite ao indivíduo que se coloque diante das próprias possibilidades; compete ao terapeuta caminhar paralelamente na trajetória do cliente, promovendo uma abertura ao seu projeto existencial (Santos & Sá, 2013).

Desprender-se do amparo do outro para seguir o próprio caminho é desafiador, assim o papel de um terapeuta fenomenológico seria de propiciar a abertura do campo existencial juntamente ao cliente através da escuta fenomenológica. Essa escuta possibilitará ao terapeuta diferenciar a queixa ôntica do sofrimento ontológico que se apresenta, promovendo o confronto do cliente com seu projeto existencial, estimulando-o a reconhecer sua impessoalidade e facilitando sua abertura na construção de novas alternativas de forma não-diretiva e imprevisível (Mattar, 2019; Teixeira, 2006). Traçando esse caminho, objetiva-se uma vivência mais autêntica do ser-no-mundo (Cabestan, 2010).

Simone de Beauvoir e “O Segundo Sexo”

A romancista e filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) tem em seu currículo um dos marcos teóricos da segunda onda do feminismo: a obra *O Segundo Sexo*. O livro foi publicado pela primeira vez em 1949 e dividido em dois volumes – *Fatos e mitos* e *A experiência vivida*, retratando a condição do ser-mulher na cultura ocidental nas esferas sexual, psicológica, social e política. Considerando que a obra foi um marco no movimento feminista francês (Piscitelli, 2002), sua influência hoje é tida como referência no campo teórico psicológico e Estudos de Gênero, visto que reflete sobre a situação da mulher e sua experiência vivida enquanto um sujeito alterno ao homem (Moura, 2020). De acordo com a leitura de Heinämaa

Em vez de propor uma teoria sócio-histórica ou uma tese liberalista, Beauvoir apresenta uma descrição fenomenológica. O fenômeno que ela descreve é a realidade chamada *mulher*, e seu objetivo é analisar os significados envolvidos nessa realidade. Seu

trabalho inclui uma problematização radical de nossas ideias de condição biológica feminina, feminilidade e subordinação das mulheres, bem como aquelas de sexualidade, corporificação e a relação eu-outro. (1999, p. 115)¹

A partir da teoria merleau-pontyana sobre a fenomenologia do corpo², Beauvoir foi capaz de construir uma premissa que vai além da diferença sexual “natural” entre homem e a mulher. Saffioti (2000) salienta que a virada de chave foi a ideia de liberdade circunstanciada desenvolvida através do conceito de situação. Simone de Beauvoir compreende que o corpo “é nossa tomada de posse do mundo e um esboço de nossos projetos” (Beauvoir, 1949/2016a, p. 62). Olhar para mulher enquanto corpo situado significa provocar uma fusão entre individual e coletivo, ou seja, um corpo que passa a ser “um corpo-no-mundo”, “em que consciência e ‘corpo objetivo’ (no sentido anatômico) se tornam indistinguíveis, ‘formando’, por assim dizer, um só comportamento, um só fenômeno” (Moura, 2020, p. 16).

Se o corpo é vivo e a sexualidade não é um mero detalhe que o acompanha, cabe compreender como o corpo situado da mulher habita o mundo. No primeiro volume, ela mapeia as condições dadas à mulher para existir a partir de destinos oferecidos pela biologia, pela psicanálise e pelo materialismo histórico. Seu entendimento do corpo enquanto situação vem para contestar o determinismo biológico e a noção de que a mulher é inferior ao homem devido a sua estrutura corporal: a força é um dado valorativo estabelecido pelo homem, vantajosa apenas em algumas circunstâncias culturais; dessa forma, a desvantagem da mulher não é ser fraca, mas estar presa à reprodução da espécie (Beauvoir, 1949/2016a). Se o corpo do homem é transcendência, o da mulher é uma coisa que possui a finalidade de gestar outro corpo e, “independentemente da situação que se encontra, terá sempre mais dificuldade em desenvolver uma individualidade, pois, seu próprio corpo a condena estar sempre cuidando de uma vida que não é a sua” (Marchiori, 2020, p. 174).

Para a autora, a principal contribuição da psicanálise é considerar que a natureza não define o existente, mas o atravessa constituindo sua subjetividade. A falha está nos

¹ Todos os trechos de outros idiomas citados neste trabalho foram traduzidos pela autora principal e revisados pelo segundo autor.

² A teoria merleau-pontyana não apenas enfatiza o papel do corpo na percepção, por exemplo, mas, sobretudo, contribui para demonstrar que o corpo não é apenas uma máquina composta por elementos atomisticamente conectados e que responderia passivamente aos estímulos oriundos do mundo externo; antes, enquanto “corpo fenomenal” ou “corpo próprio”, ele tem um papel na constituição do sentido pelo qual o mundo aparece ao sujeito. A noção de “esquema corporal”, desenvolvida por Merleau-Ponty em seu livro intitulado “*Fenomenologia da percepção*”, retira da consciência transcendental e, especialmente, do “eu transcendental” o domínio sobre as aparições e mostrar um envolvimento mais sutil e tácito do corpo na constituição do sentido do Ser (ver Merleau-Ponty, 1945).

determinismos e significações criados pelos homens que não explicam o que é a mulher, tampouco porque é considerada *o Outro*. Para Beauvoir (1949/2016a, p. 80), “é particularmente entre os psicanalistas que o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho”. Do materialismo histórico, utilizou o pressuposto de que a espécie humana está inserida em uma realidade histórica; todavia contestando-se que a opressão feminina se resumiria à dependência econômica e afirmando que “por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida” (Beauvoir, 1949/2016a, p. 90).

Outra parte importante da obra diz respeito à história ocidental e seus mitos. Nos tempos primitivos, a função das mulheres enquanto espécie era única e exclusiva da reprodução; por outro lado, sobrava aos homens a tarefa de criar recursos para a sobrevivência. Os inúmeros infanticídios somados à tarefa dolorosa de parir, todavia, não permitia que a mulher exercesse a criação, impossibilitando-a de desenvolver sua individualidade e prendendo-a em seu destino biológico. Enquanto isso, os homens passam a afirmar sua existência através da dominação da natureza, superando seus limites e transcendendo a biologia. Fixada à repetição da vida, a mulher torna-se serva e o homem senhor e construtor do futuro da espécie; o homem cria a si mesmo e, através dos mitos, define o que é ser mulher: ao mesmo tempo louvável e repugnante (Marchiori, 2020).

A mulher é tudo aquilo que o homem deseja, mas não consegue alcançar; “ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo” (Beauvoir, 1949/2016a, p. 267). Com a leitura histórica finalizada, ela pode destrinchar a experiência vivida da mulher examinando cada fase da vida e suas possibilidades de emancipação.

Metodologia

O caminho metodológico escolhido foi a revisão crítica de literatura de uma revista de alcance nacional da abordagem fenomenológica-existencial, a fim de identificar nos artigos revisados temas associados a questões de gênero, com enfoque na vivência da mulher enquanto corpo situado no mundo.

A leitura crítica, análise e posterior discussão da bibliografia e da obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir se deu em acordo com a perspectiva hermenêutica feminista, descrita por Ivone Gebara (2008), Castro e Eggert (2012) e Heinämaa (2016). Seu propósito é privilegiar

a investigação feminista na construção metodológica para uma clínica dedicada a mulheres. Para elas:

A hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala. Por isso, dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que sente, o que sofre, quais as alegrias vividas é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcais. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. (Paixão & Eggert, 2011, p. 16)

Em uma etapa de pré-análise, foram selecionados dois periódicos *online*: a Revista da Abordagem Gestáltica e a Revista do NUFEN. Investigou-se cada volume disponível na plataforma PePSIC das duas revistas, sendo eles: volumes 1 ao 13 (2009-2021) na Revista do NUFEN, e volumes 13 ao 27 (2007-2021) na Revista de Abordagem Gestáltica. Os critérios de inclusão para seleção dos artigos foram: ter como objeto de análise central a vivência do ser-mulher; ser do tipo artigo; e ser do idioma português. Já os critérios de exclusão foram: ter a vivência da mulher como tema secundário; ser do formato relato de experiência, resenha, tradução, teses e dissertações, editorial; e ser do idioma inglês ou espanhol.

A Revista de Abordagem Gestáltica, quando comparada com a Revista do NUFEN, apresentou uma diversidade considerável de artigos que investigam a mulher e suas vivências nas diversas fases da vida, trazendo, inclusive, algumas contribuições da autora Simone de Beauvoir. Diante dessas condições, a primeira revista foi a escolhida para recolhimento de material.

No momento da seleção dos artigos, a revista havia lançado treze volumes, os quais foram avaliados um a um com base nos critérios descritos, resultando em doze artigos selecionados. Após leitura criteriosa, os pontos de discussão foram divididos em duas categorias: *Abordagens fenomenológico-existenciais e metodologias na pesquisa sobre a mulher* e *A clínica fenomenológica-existencial e Simone de Beauvoir: encontros possíveis*. Em seguida, será apresentada a discussão pertinente à segunda categoria, escolhida aqui pela relevância de seus resultados, a qual convergiu em quatro temas predominantes: (i) maternidade, (ii) corporeidade, (iii) conjugalidade e (iv) possibilidades do existir em outros espaços.

A Clínica Fenomenológica-Existencial e Simone De Beauvoir: Encontros Possíveis

Maternidade

A maternidade aparece como tema central em quatro artigos, mas respinga como tema transversal em todos eles, sendo necessário indicar como as mulheres têm aparecido nas pesquisas científicas. Quando o assunto é mulher, existe uma predominância no tema “maternidade” nos artigos analisados, levando à hipótese de que ainda hoje ela é associada primeiro à sua capacidade reprodutiva. Essa associação pode tomar dois rumos: um positivo, que olhará criticamente para o fenômeno sem reduzir a mulher a tal condição; e outro negativo, que incentivará a maternagem como única saída, sem explorar outras possibilidades da existência. Como Beauvoir salienta, “o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir” (1949/2016a, p. 65).

Pensando que, ainda hoje, as mulheres são encorajadas a reproduzirem para constituir uma família e confirmar sua feminilidade na condição de mãe, as autoras Leite e Frota (2014) estudam o impacto dessa imposição social em mulheres inférteis no artigo *O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica*. Os relatos apresentados na pesquisa são únicos e possuem um ponto em comum: a maternidade é uma condição sublime que permite à mulher ser completa e realizada. “A infertilidade gera, portanto, um sentimento de inutilidade feminina, como se a mulher não fosse mulher suficiente para ser mãe” (Leite & Frota, 2014, p. 155). Outro destaque importante refere-se à investigação do problema que recai primeiro sobre a mulher, tornando secundária a busca na saúde do homem.

Piscitelli (2002) salienta que o entendimento das vertentes feministas sobre a subordinação feminina decorre da construção do ser mulher socialmente e questionam seu suposto caráter natural; assim como Beauvoir (1949/2016b) inicia o capítulo “Infância”: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p. 11). Nascendo do sexo feminino, a criança terá um lugar social pré-determinado onde renunciará sua autonomia em prol do outro (seja o homem ou o bebê). Brincando de boneca, a menina aprende que os cuidados da criança e da casa são de responsabilidade da mãe, e que, seguindo esse destino, sentir-se-á completa. Enquanto os meninos são incentivados a explorarem o mundo para se realizarem enquanto sujeitos, a menina internaliza que “o amor feminino é uma das formas da experiência em que uma consciência se faz objeto para um ser que a transcende” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 37), amor este também destinado ao outro. Não à toa, a sua realização enquanto ser existente localiza-se, majoritariamente, na maternidade.

Dando continuidade, os artigos de Fonseca (2017), *A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê*, e Silva (2018), *F. J. J. Buytendijk e a gênese do espírito materno*, discutem outros aspectos da maternidade a partir do olhar fenomenológico. O primeiro artigo, por exemplo, explora como a corporeidade da mulher no processo de tornar-se mãe pode influenciar no enlace existencial com o bebê. Silva (2018), no entanto, investiga a corporeidade através da definição de *espírito materno* de Buytendijk: para o autor, há uma gênese do espírito materno que surge da corporeidade feminina, inclinando a escolha consciente da mulher em ser mãe, vivenciada na liberdade de seu corpo situado através da maternidade.

Assim como pontuado por toda obra de Simone de Beauvoir, compreender o ser-mulher enquanto corpo situado é levar em conta que a corporeidade é transpassada pela cultura (Moura, 2020). Desconsiderar ou menosprezá-la em razão do destino biológico é contribuir para a manutenção de uma cultura patriarcal que oprime mulheres. Ainda que Silva (2018) reconheça a teoria como ultrapassada, não realiza grandes apontamentos críticos, demonstrando a importância de um caráter hermenêutico nas pesquisas fenomenológicas para a análise do que é manifesto e está dado, mas também para buscar o não-manifesto, que nesse caso é o contexto estrutural do patriarcado.

Através do conceito de *jogo existencial*, Fonseca (2017) analisa a dialética do tornar-se mãe. Para ele, a mulher sendo filha antes de ser mãe, carrega consigo um conjunto de bagagens familiares e culturais que influenciam na construção dos seus sentidos. Esse jogo de papéis assumirá um estado crítico na mulher que gesta, uma vez que ela passará a ser fonte de existência de outro ser, que sentirá e carregará em seu ventre (Fonseca, 2017). Beauvoir (1949/2016b) complementa que, se, por um lado, a mulher grávida se sente parasitada pelo feto, por outro, garante um status social antes não concedido: agora ela é vista como imanente. “O corpo é enfim dela, posto que é do filho que lhe pertence. A sociedade reconhece-lhe a posse desse corpo e ainda o reveste de um caráter sagrado” (p. 296).

Após a gestação e o fim do corpo-grávido, a mulher começa a dar-se conta que suas responsabilidades como mãe vão além de ceder sua carne para a sobrevivência do bebê; as obrigações do cuidado – afetivas e fisiológicas – e a dependência do recém-nascido fortalecem o vínculo mãe-bebê, ampliando sua complexidade na medida em que o filho cresce (Fonseca, 2017). A maternidade oferece a possibilidade de ser útil e necessária, ela “é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 315).

Alguns efeitos dessa relação são discutidos no artigo de Cunha e Dutra (2019), *Um olhar fenomenológico para mães de crianças vítimas de abuso sexual: uma revisão de literatura*.

Elas se dedicaram a pesquisar de que forma as mães de crianças vítimas de abuso sexual são retratadas na mídia levando em consideração aspectos socioculturais da construção da maternidade e como isso afeta essas mulheres. A primeira questão levantada diz respeito à maternidade idealizada. Assim como Beauvoir, elas apontam que a construção da mulher é cravada na representação da mãe amorosa, paciente, delicada, que abdicou de sua vida para os cuidados da criança (Cunha & Dutra, 2019).

Se a criança passa por uma experiência de abuso, o sentimento de culpa torna-se avassalador, uma vez que a única tarefa para a qual ela foi preparada durante toda sua vida agora é um fracasso. Sendo o companheiro o abusador, a mulher vive ainda mais intensamente sentimentos de ambivalência frente ao seu papel de mãe e esposa. No capítulo *A mulher casada*, Beauvoir (1949/2016b) salienta que o casamento para mulher é sinônimo de imanência, já que a restringe à função de mãe e esposa; ao passo que para o homem, o casamento é a possibilidade de se ancorar no mundo sem perder a oportunidade de desbravá-lo. A mulher “não tem outra tarefa senão a de manter e sustentar a vida em sua pura e idêntica generalidade; ela perpetua a espécie imutável, assegura o ritmo igual dos dias e a permanência do lar cujas portas conserva fechadas” (p. 189). Embora nenhum dos artigos tenha se debruçado especificamente sobre o pensamento de Beauvoir, os pontos levantados a partir dos artigos conduzem à reflexão sobre o impacto da maternidade na constituição do ser-mulher.

Corporeidade

Totalizando em quatro artigos, a corporeidade foi estudada a partir da sexualidade feminina, de psicopatologias do corpo, do envelhecimento e da maternidade – já discutida no tópico anterior. A primeira pesquisa se propôs a discutir sobre solidão, amor e sexo em mulheres idosas. No artigo *Solidão, amor e sexo na mulher de mais de sessenta anos*, Silveira (2008) privilegia suas interpretações e sensações a partir das vivências que teve na Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) e as contextualiza à luz de teorias do desenvolvimento humano. Sua análise se mostra intuitiva e intimista, por se tratar de uma espécie de relato de experiência ou cartografia. Embora apresente um caráter crítico, a profundidade de suas análises pode ser preenchida com o referencial de Beauvoir.

A mulher idosa contemporânea é descrita como alguém que vivenciou não só as passagens de sua vida, mas também mudanças culturais significativas que influenciaram diretamente no papel social da mulher ocidental. Essa descontinuidade de experiências afeta a subjetividade da mulher idosa que experimenta esses papéis sociais com muita angústia, incerteza e solidão. Beauvoir (1949/2016b) enfatiza que, enquanto o processo de

envelhecimento do homem é contínuo, a mulher vivencia crises mais decisivas, como o envelhecimento do corpo jovial e belo, que “aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta”. (p. 385).

A feminilidade, para Beauvoir (1949/2016b), é a peça-chave da definição do ser-mulher. Construída desde a infância, ela é composta de diversas obrigações sociais que reforçam o destino feminino da reprodução, sendo o exemplo mais enfático a manutenção exaustiva da beleza para atração dos homens. Diante disso, a crise do envelhecer é menos significativa naquelas que não cultivaram exclusivamente a feminilidade (Beauvoir, 1949/2016b). Assim como destaca Silveira (2018), o mundo é dos jovens e da vitalidade, não dos velhos. A mulher idosa, ausente da feminilidade e da capacidade reprodutiva, é vista no máximo como mãe, onde o sexo e o exercício do amor são ultrapassados. Ou seja, quando finalmente possui mais liberdade, não tem o que fazer com ela.

A sociedade patriarcal construiu todas as funções femininas na figura de servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência. Só a ensinaram a dedicação ao outro, porém, em torno e após dos cinquenta anos, onde está em plena posse de suas forças, ninguém reclama mais sua dedicação, está aposentada. Inútil, injustificada, contempla os longos anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: “Ninguém precisa de mim!” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 394). Infelizmente, existem poucas produções científicas que explorem as vivências da mulher idosa, e, embora o artigo careça de análises aprofundadas, é inovador ao privilegiar as experiências e olhares acerca da sexualidade dessas mulheres.

Prosseguindo no tema sexualidade feminina, Möller e Andrade (2011) expõem os vestígios proibitivos no discurso das mulheres entrevistadas em seu artigo *A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica*. No que tange à primeira relação sexual, elas relatam que seguraram o desejo para perder a virgindade com alguém especial e, mesmo assim, as primeiras relações não foram consideradas prazerosas (Moller & Andrade, 2011). Enquanto a menstruação é o primeiro sinal do destino biológico, a penetração é considerada uma violação que arranca a mulher do universo infantil e a joga à vida adulta (Beauvoir, 1949/2016b). A finalidade do sexo para o homem é atingir a ejaculação, ao passo que, para a mulher, envolve mais questões de natureza psíquicas do que fisiológicas. Não à toa, a vivência da sexualidade não é prioridade para mulher. E, como colocam as autoras, os valores culturais educam a mulher de forma alienante a fim de que elas percebam primeiro as necessidades dos outros e deixem as suas de lado (Moller & Andrade, 2011).

A corporeidade é abordada através do conceito de contato: “a emoção experienciada, a energia que impulsiona a mudança e que dá sentido à realidade [...], e, por meio dele, é possível mudar a si próprio e a percepção do mundo [...]” (Moller & Andrade, 2011, p. 13). As autoras entendem que as vivências sexuais colocam a mulher de frente consigo mesma, reconhecendo seu corpo através das possibilidades e limitações. Todavia, ali ela também se dá conta que seu corpo é um objeto dentro das normas da feminilidade e deparar-se com isso através do ato sexual é espantoso (Beauvoir, 1949/2016b). No capítulo *A Iniciação Sexual*, ela traz o corpo da mulher como *singularmente histérico*, pois existe um embaralhamento entre o consciente e as expressões orgânicas, que a coíbe de buscar o prazer, e, conseqüentemente, cria uma barreira de resistências morais. Quando intensificadas as resistências e misturadas com outras formas de opressão, o corpo reage através de diferentes psicopatologias, as quais geralmente são investigadas cruamente, sem uma perspectiva crítica feminista que entenda a vivência do ser-mulher no mundo.

O único artigo que estudou a psicopatologia do corpo na mulher foi o de Cunha e Dutra (2018), intitulado ‘*Meu nome é Ana*’: *um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia nervosa*. As autoras optaram por investigar a anorexia em mulheres já diagnosticadas devido à prevalência dos transtornos alimentares em mulheres durante boa parte da história. Um dos motivos está relacionado ao padrão imposto da feminilidade: “Frente ao olhar do outro, as mulheres se veem impostas a experienciar continuamente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, a que estas procuram, incessantemente, alcançar” (Cunha & Dutra, 2018, p. 185). Essa ambigüidade, quando associada à visão da mulher enquanto objeto, modifica completamente sua relação com o próprio corpo: ele lhe escapa, ele é primeiro do outro e para ele (Beauvoir, 2016b; Moura, 2020).

Sobre o corpo em uma óptica hermenêutico-fenomenológica, Heidegger (1987/2001) entende que o *corporar* é o modo de ser-no-mundo através de sentidos únicos e particulares. Simone de Beauvoir (1949/2016a) completa com a ideia de corpo enquanto situação. Diante disso, a anorexia pode se desenvolver na condição em que a mulher existe apenas sob a expectativa do outro (Cunha & Dutra, 2018). Em um dos relatos, a entrevistada expressa seu desabitar no mundo mediante o desaparecimento gradativo de seu corpo. Como pensar este não-corporar a partir das questões de gênero? No capítulo *A Jovem*, Beauvoir (1949/2016b) descreve alguns casos onde, ao perceberem o olhar do outro, especificamente do homem, as meninas desejam aniquilar seu corpo. Sabe-se que um dos sintomas da anorexia é a amenorreia, e, sem menstruar, a mulher é incapaz de engravidar; com isso, a autora tece a reflexão de que o

desaparecimento do próprio corpo é uma forma de fugir do destino biológico que a espera e também de qualquer tipo de violação masculina.

Vale enfatizar que o culto pelo corpo perfeito é uma marca consolidada dos meios de comunicação atuais, associando a ideias de saúde e estilo de vida, principalmente para o público feminino (Cunha; Dutra, 2018). Pensando nisso, a anorexia tem o risco de se desenvolver para cumprir um padrão social, visto que “ser magra contribui para essa concepção de ‘ser mulher’ [...]. Esse é o público mais cobrado para que siga e apresente beleza e jovialidade” (Cunha & Dutra, 2018, p. 185). A ambiguidade gerada de um corpo que também é objeto pode recair na arrogância e na dor, no entanto, escolher esse caminho também é uma forma de reivindicar sua autonomia. A “anorexia se desenvolve como tentativa de ajuste, como visto, e é olhada exatamente através de novas tentativas de ajuste” (Cunha & Dutra, 2018, p. 192). É no exercício clínico que serão reajustadas as possibilidades de viver uma corporeidade saudável e uma existência autêntica, mas não antes de avaliar os significados contidos nas expressões psicopatológicas do corpo, pois, conforme Feijoo e Mattar (2015), a clínica daseinsanalítica deve-se interrogar “quais as possibilidades existenciais que um determinado adoecer impede que se realizem” (p. 657).

Conjugalidade

Nesta seção, serão abordados aspectos da conjugalidade. Um primeiro dado é que as pesquisas encontradas privilegiaram relacionamentos heterossexuais. Em complemento, dois deles escolheram investigar os desafios enfrentados e as violências sofridas pelas mulheres dentro de relacionamentos abusivos. A partir disso, surgiu o questionamento: Quais serão as heranças deixadas pela sociedade patriarcal que refletem na construção da conjugalidade e como a mulher se coloca diante dessas questões?

A instituição do casamento tem acompanhado a transformação da pós-modernidade³, mas não o suficiente para modificar sua característica principal: ser um modelo contratual entre duas partes. No passado, esse contrato serviu como ferramenta de aprisionamento da mulher, a

³ As transformações sociais da pós-modernidade ou da modernidade tardia precisariam ser consideradas no escopo de uma teoria social suficientemente abrangente, cuja apresentação está além dos limites do escopo deste trabalho (ver Hall, 2006; Giddens, 1991; Lyotard, 2009). Entretanto, para fins de clareza, cabe enfatizar que as sociedades modernas, mesmo que estruturalmente ligadas às mudanças velozes advindas da globalização, passaram por modificações importantes nas últimas décadas, especialmente quanto à relação com a tradição e com algumas de suas instituições, dentre as quais poder-se-ia destacar o casamento e o papel social da mulher, e quanto a como os sujeitos relacionam-se uns com os outros e consigo mesmos, o que culminou em identidades mais fluidas e, ao mesmo tempo, abertas à “insegurança ontológica”. Ademais, parece-nos importante sublinhar que isto não implica a defesa de uma visão “pós-modernista” da sociedade e das identidades. Para uma discussão sobre feminismo e teorias pós-modernas, veja-se, por exemplo, Hutcheon (1994).

qual era negociada e vendida para outra família para cumprir com seu dever social – ser esposa e mãe (Beauvoir, 1949/2016a). Na contemporaneidade, a legalidade do casamento se modifica, o divórcio é permitido, contudo alguns valores intrínsecos aos papéis sociais na conjugalidade se mantêm, como demonstram Benevides e Boris (2020) em sua pesquisa intitulada *A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma perspectiva fenomenológico-existencial*.

Ser-mulher na conjugalidade de um relacionamento heterossexual inclui não só a maternidade e os cuidados do lar, mas também o exercício profissional. O avanço dos Direitos do Trabalho possibilitou às mulheres sua inserção no mercado de trabalho, no entanto aumentou consideravelmente sua jornada de trabalho, como afirmam os autores da pesquisa:

A experiência vivida pelas colaboradoras demonstra que a situação atual dessas mulheres de classe média, com filhos e que vivem em relação conjugal com cônjuges do sexo masculino, é de acúmulo de atividades e de tentativa de conciliação entre as inúmeras responsabilidades que assumem após o casamento e a maternidade. (Benevides & Boris, 2020, p. 20)

Os relatos confirmam que a maior mudança na vida dessas mulheres acontece após a maternidade, tanto porque, em muitos casos, não há no projeto existencial das mulheres o desejo de ser mãe, mas também porque as mudanças bruscas da maternidade desencadeiam ambiguidades existenciais (Benevides & Boris, 2020). Beauvoir (1949/2016b) compreende que todas as fases da vida da mulher são dedicadas a ensiná-la seu papel na sociedade – perpetuar a espécie e cuidar do lar. Esta condição é imanente, não à toa a mulher é entendida como um objeto, *o Outro*, visto que ela possui uma função permanente que não permite a transcendência. E, ainda hoje, existe um esforço social em restringir a função da mulher ao destino biológico, criando a ideia de que ela nunca será completa sem o exercício da maternidade e da conjugalidade.

Ademais, todos esses exercícios devem ser realizados na companhia de um homem. Uma das entrevistadas, mãe solo, revela que tanto ela quanto o filho eram tratados diferentes nos ambientes quando ela não estava em um relacionamento (Benevides & Boris, 2020). Assim como ela afirma, a legitimidade da existência feminina está visceralmente ligada ao homem, “o homem é que servirá de intermediário entre a individualidade da mulher e o Universo, ele é que revestirá de um valor humano a contingente facticidade dela” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 218).

Seria esse um dos motivos pelos quais muitas mulheres permanecem em relacionamentos amorosos mesmo diante de sofrimento e agressão? Os dois últimos artigos discutirão melhor o tema. Moreira e Dutra (2013), no artigo *Compreendendo a experiência do sofrimento de mulheres na relação amorosa*, analisam a experiência de sofrimento de mulheres na relação amorosa – também heterossexual –, a partir da idealização do amor romântico. A personificação da mulher apaixonada é descrita por Beauvoir como aquela que busca no amor uma redenção, pois é nele que ela consegue conciliar seu erotismo e o narcisismo: “Ela abandona-se ao amor primeiramente para se salvar, mas o paradoxo do amor idólatra está em que, para se salvar, ela acaba por se renegar totalmente” (Beauvoir, 1949/2016b, p. 470).

Essa característica benevolente da amorosa permite que ela se sacrifique ao assumir as dificuldades reais de um relacionamento, como o colocam Moreira e Dutra (2013). Mas não é necessário que a mulher assuma essa persona para persistir em uma conjugalidade tóxica; a própria construção dos valores morais do casamento a aprisionam em uma relação desgastada. Há diferentes sentimentos que circundam as mulheres que desistem de um relacionamento: medo de fracassar no papel de esposa e de sustentar o relacionamento, e também o receio de “conduzirem e administrarem sozinhas a própria existência e as dificuldades que imaginam enfrentar após um possível rompimento amoroso” (Moreira & Dutra, 2013, p. 8).

As autoras concluem que as mulheres que insistem em vivenciar esse sofrimento dentro do relacionamento não conseguem apropriar-se de si mesmas, sem buscar outras possibilidades ou construir um novo projeto existencial. Ou seja, nas palavras de Beauvoir (1949/2016, p. 489): “O amor na mulher é uma tentativa suprema de superar, assumindo-a, a dependência a que se acha condenada; mas, mesmo consentida, essa dependência não se pode viver senão no medo e no servilismo”. Antes de assumir outras formas de conjugalidade, no entanto, é preciso que a mulher busque a própria autonomia, reconhecendo enquanto um indivíduo transcendente capaz de viver a própria vida ou a vida em casal sem sofrimento.

Considerando que a clínica fenomenológica-existencial auxilia no processo de reaver a autenticidade daquela que a procura (Lessa & Sá, 2006), a partir do último artigo desta seção, será discutido alguns caminhos para o trabalho de mulheres que vivenciam o sofrimento na conjugalidade. Vale pontuar que esse foi o único artigo, dentre os selecionados, que abordou posturas do terapeuta perante o atendimento de mulheres, com ênfase no atendimento de mulheres que sofrem violência psicológica por parceiro íntimo.

Augustin e Bandeira (2020), na pesquisa *Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo*, iniciam mapeando os tipos de violência para compreenderem o porquê da violência psicológica não ser levada a sério, ao

ponto de as mulheres não reconhecerem que estão sendo violentadas. Os avanços penais de proteção à mulher são significativos, todavia seu funcionamento ainda é um entrave que barra muitas mulheres de denunciarem seus parceiros. Sem o acolhimento judicial devido, elas ficam reféns de seu papel social internalizado na própria subjetividade, aceitando aquele destino como único existente.

A mulher que chega na clínica nessas condições demanda um atendimento único, especializado e sensível. As autoras selecionam alguns pontos que devem ser sensíveis ao terapeuta durante o atendimento: 1) informar sobre direitos legais; 2) ampliar o campo de contato; 3) estabelecer uma relação de confiança com a paciente; 4) ser heterossuporte; 5) buscar ativamente por modelos de relação saudável; 6) não-julgamento; 7) acolhimento à dor; 8) favorecer a tomada de consciência e não ignorar o desejo da vítima; 9) garantir sua autonomia e liberdade; 10) ampliar a rede de apoio; e 11) retomada da autoestima (Augustin & Bandeira, 2020). Sufocada dia após dia, a mulher é oprimida constantemente e, ao chegar no atendimento psicológico, lugar de potência e tomada de consciência, é que começa a reconhecer seu lugar no mundo. Conforme Beauvoir (1949/2016b),

O que falta essencialmente à mulher de hoje, para fazer grandes coisas, é o esquecimento de si: para se esquecer é preciso primeiramente que o indivíduo esteja solidamente certo, desde logo, de que se encontrou. Recém-chegada ao mundo dos homens, e mal sustentada por eles, a mulher está ainda ocupada em se encontrar. (p. 527)

Como exposto por Augustin e Bandeira (2020), é fundamental que o terapeuta promova uma abertura significativa, respeitando os limites da mulher que se apresenta. Retirar uma venda de imposições e reconhecer-se enquanto sujeito, construindo sozinha seu destino, demanda da mulher coragem, responsabilidade e muita energia. Ser-mulher enquanto transcendência no mundo dos homens é buscar a liberdade em um campo onde as possibilidades ainda são sufocadas, todavia é hora de correr todos os riscos (Beauvoir, 1949/2016b).

Possibilidades de Ser-Mulher

Os artigos deste tópico destoam do restante por dois motivos: eles investigam outra realidade que não seja da mulher classe média moradora da cidade; e consideram outros destinos que não sejam o biológico da reprodução. Baronio e Geiger (2018), por exemplo, investigaram a construção do ser mulher na agricultura familiar no artigo *A Construção do ser mulher na agricultura familiar: uma perspectiva logoterapêutica*. É muito comum o

esquecimento da vida no campo visto que os mecanismos de saber e poder são concentrados na cidade – como referência temos os avanços feministas que não chegam no campo. Se nas mulheres urbanas a imposição do destino biológico é notável, nas mulheres agrárias ele se torna a única saída: impossibilitadas muitas vezes de estudar, elas são destinadas aos afazeres domésticos e à manutenção da família, pensamento rigorosamente sustentado por pilares religiosos (Baronio & Geiger, 2018).

A fim de compreender esse modo de existir, as autoras utilizam a ideia de sentido da vida desenvolvida por Viktor Frankl. Segundo elas, a falta de sentido pode ocorrer quando o objetivo de vida não se conclui, provocando a frustração de necessidades existenciais (Baronio & Geiger, 2018). Sabendo que ser mãe e esposa é uma ocupação culturalmente esperada, muitas mulheres optam por este caminho sem refletirem se foi uma escolha singular e autêntica. A ruptura de sentido acontece quando esses papéis perdem a importância, como por exemplo, quando os filhos saem de casa ou a mulher envelhece. O fato de a mulher seguir na direção esperada socialmente deriva de sua incapacidade de dominar a realidade essencialmente masculina que a cerca, como aponta Beauvoir no trecho abaixo:

É essencialmente porque nunca experimentou os poderes da liberdade que ela não acredita em uma libertação: o mundo parece-lhe regido por um destino obscuro que seria presunçoso desafiar. Esses caminhos perigosos que a querem obrigar a seguir, não foi ela que os abriu: é normal que neles não se precipite com entusiasmo. (Beauvoir, 1949/2016, p. 413)

Discutir as possibilidades de ser-mulher é encarar a realidade dura de que a liberdade não vem gratuitamente. Heidegger (1927/1999) acredita que o poder mobilizador da angústia impulsiona o *Dasein* a tomar posse de sua existência e encarar o próprio projeto existencial para escolher com propriedade seu caminho. Simone de Beauvoir (1947/2016b), por outro lado, acredita que esse movimento individual é apenas uma tentativa para justificar a própria imanência, uma vez que a libertação da mulher só pode ser conquistada concretamente de forma coletiva. Há de se fazer um acordo entre as partes: a escapatória pode ser incentivada no questionamento dos sentidos existenciais, os quais, ao serem elaborados, viram instrumentos de luta coletiva.

A articulação entre as mulheres na modernidade resultou na ampliação dos espaços dedicados ao público feminino, o que, pouco a pouco, está desconstruindo os papéis impostos no passado. Souza et al., (2019) apresentaram em sua pesquisa, *Impedimento? Possibilidades*

de relação entre a mulher e o futebol, as possibilidades da mulher no futebol, lugar particularmente masculino. O esporte por muito tempo restringiu a participação de mulheres argumentando preocupar-se com o bem-estar físico feminino. Entretanto, essa foi uma tentativa de abafar a subversão de papéis, reforçando o lugar da mulher enquanto cuidadora do lar e dos filhos. Recusando assumir essa derrota, elas resistiram e adentraram ao universo do futebol, mas quais entraves enfrentados? A recusa da feminilidade certamente é um deles, e isso acontece pois

A ideia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas; ela pode evoluir de maneira que os cânones se aproximem dos que adotam os homens: nas praias, as calças compridas tornaram-se femininas. Isso não modifica em nada o fundo da questão: o indivíduo não tem liberdade de moldá-la à vontade. A mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se sexualmente e, por conseguinte, socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. Recusando atributos femininos, não se adquirem atributos viris [...] (Beauvoir, 1949/2016b, p. 506)

Atuar na área do esporte, especificamente no futebol, é entendido como a negação da própria feminilidade. As teorias biológicas sancionam que o corpo da mulher não é indicado para praticar esporte e as sanções sociais definem trejeitos, roupas e etiquetas que as fazem acreditar na falta de potencial. Portanto, a recusa da feminilidade causa horror e espanto. Souza, Maux e Rebouças (2019, p. 290) salientam: “as mulheres parecem ser subestimadas e subutilizadas em seu potencial, principalmente em razão das concepções ligadas ao gênero que são previamente dadas em nossa sociedade e pelo horizonte histórico que nos constitui como seres”.

O homem é infinitamente preferível, pois, enquanto transcendência, projeta sua liberdade no mundo que já é seu: ele é preparado para ser o melhor técnico, torcedor, jogador, árbitro e dirigente. A mulher independente, que se atreve a adentrar ao mundo masculino é vista como uma cópia barata, e a razão de ser colocada neste lugar é a de que, quando disposta a confrontar seu destino e escolher conscientemente seu caminho, é provável que a mulher se saia tão bem quanto o homem (Beauvoir, 1949/2016b). A construção de espaços e papéis abre novos horizontes para as mulheres, além de inspirar tantas outras que desejam habitar outras formas de existir (Souza et al. 2019).

Independente da escolha do seu habitar, é de suma importância que a mulher se veja assumindo a existência de um corpo situado que vai além de qualquer natureza pré-definida. O papel da clínica fenomenológica-existencial em meio ao caos é proporcionar um terreno possível para que esta mulher se coloque “enquanto abertura às suas mais diversas e próprias possibilidades de ser” (Sá, 2002, p. 361), ao passo que o papel de Simone de Beauvoir é ampliar o debate sobre o ser-mulher, considerando os aspectos ontológicos e socioculturais internalizados nessa existência.

Considerações Finais

A autora Simone de Beauvoir contribuiu significativamente para a discussão dos quatro temas supracitados. A partir de sua perspectiva existencialista, feminista e sociocultural, foi possível realizar uma análise aprofundada de como temas relativos as mulheres são abordadas em uma revista de abordagem fenomenológico-existencial. Conforme os resultados e as discussões sugerem, os artigos selecionados continham ausências no sentido de uma perspectiva crítica feminista e os resultados, embora ricos de conteúdo, foram analisados apenas nas perspectivas das abordagens fenomenológico-existenciais, sem recorrer a outras tradições de pensamento e crítica. Isso confirma a hipótese de que, ainda hoje, as pesquisas na área da Psicologia necessitam inserir epistemologias que apreendam as vivências diversas e subalternas, assumindo um caráter político e crítico na construção de saberes, ao mesmo tempo em que reforça a importância de uma hermenêutica feminista para a interpretação teórica de assuntos ligados à existência feminina (Heinämaa, 2016); e assevera o lugar de Beauvoir como pioneira no debate ao instituir, na análise, o Ser ao compreender mulheres.

Neste sentido, a bibliografia utilizada como parte da metodologia hermenêutica adotada sugeriu formas alternativas de interpretação e análise para as ausências identificadas ou mesmo para as presenças que reforçavam um ponto de vista hegemônico. Todavia, ao mesmo tempo, vale ressaltar que trabalhar com a ideia de possibilidades no existir é considerar que o ser-mulher é múltiplo. Os artigos selecionados, ainda que tenham explorado algumas facetas dessas vivências, falharam, a nosso ver, ao não considerar corpos situados com corporações de raça, classe, ou de sexualidade, sinalizando outra lacuna em pesquisas sobre a mulher.

O ser-mulher que apareceu neste trabalho possuía as mesmas características das mulheres da época descritas por Simone de Beauvoir: branca, classe média burguesa, heterossexual. Dessa forma, fica o questionamento: a teoria da autora daria conta de analisar outras *seres-mulheres*? Muito embora em alguns momentos o recorte de raça seja presente, não era seu objetivo realizar uma exploração transversal que abordasse as diferentes experiências

das mulheres da época. Visto isto, é de consideração afirmar que sua teoria necessita de reformulações e contribuições externas de outras autoras para abranger a totalidade de existências femininas na contemporaneidade.

Pontuado isto, acredita-se que há um caminho promissor pela frente. O diálogo entre as abordagens fenomenológico-existenciais e Simone de Beauvoir é frutífero, e juntos contribuem para o aperfeiçoamento de clínica psicológica crítica e situada. Por outro lado, sugere-se, igualmente, a necessidade de novas pesquisas sobre a literatura psicológica à luz de hermenêuticas feministas e por diferentes perspectivas metodológicas que possam tanto contribuir para o desfazimento dos liames patriarcais e epistemicidas ainda predominantes na condução da pesquisa em psicologia quanto, também, para o desenvolvimento de novas formas de abordar o ser-mulher e de permitir a concretização das possibilidades existenciais, fáticas, de mulheres em nosso mundo da vida contemporâneo.

Referências

- Augustin, L. W.; Bandeira, C. C. A. (2020). Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo. *Rev. da abordagem gestáltica*, 26(spe), 449-459. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000400010&lng=pt&nrm=iso
- Baronio, F. C.; Geiger, L. (2018). A Construção do ser mulher na agricultura familiar: uma perspectiva logoterapêutica. *Rev. da abordagem gestáltica*, 24(1), 91-97. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000100011&lng=pt&nrm=iso
- Beauvoir, S. (2016a). *O Segundo Sexo: Fatos e mitos*, volume 1. (Sérgio Milliet, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1949).
- Beauvoir, Simone de. (2016b). *O Segundo Sexo: A experiência vivida*, volume 2. (Sérgio Milliet, trad.). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1949).
- Benevides, R. F. C.; Boris, G. D. J. B. (2020) A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma perspectiva fenomenológico-existencial. *Rev. da abordagem gestáltica*, 26(1), 13-25. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100003&lng=pt&nrm=iso.
- Butler, Judith, (2014). Regulações de Gênero. *Cadernos pagu*, (42), 249-274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>

- Cabestan, P. (2010). Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Winnicott e-prints*, 5(1), 1-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100004
- Castro, A. M. A.; Egger, E. (2012) Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista. *Sociais e Humanas*, 25(2), 231-238. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2862>
- Casanova, M. (2006). Linguagem cotidiana e competência existencial. *Natureza humana*, 8(1), 35-85. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000100002&lng=pt&nrm=iso
- Cunha, É. M. N.; Dutra, E. M. S. (2018). "Meu nome é Ana" - um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia nervosa. *Rev. da abordagem gestáltica*, 24(2), 182-193. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200007&lng=pt&nrm=iso>.
- Cunha, G. G.; Dutra, E. M. S. (2019). Um olhar fenomenológico para mães de crianças vítimas de abuso sexual: uma revisão de literatura. *Rev. da abordagem gestáltica*, 25(1), 103-110. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100011&lng=pt&nrm=iso
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. *Rev. da abordagem gestáltica*, 17(1), 30-36. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n1/v17n1a06.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2012). A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica-hermenêutica. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 12(3), 973-986. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n3/v12n3a16.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2017). *Existência & Psicoterapia: Da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2015). A desconstrução da psicossomática na análise existencial de Heidegger e Boss. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(4), 651–662. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p651.5>
- Fonseca, F. L. S. (2017). A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê. *Rev. da abordagem gestáltica*, 23(3), 326-333. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357753661010>
- Gebara, I. (2008). As epistemologias teológicas e suas consequências. Em E. Neuenfeldt, K. Bergsch & M. Parlow (Org.). *Epistemologia, violência, sexualidade: Olhares do II*

- Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/803>
- Giddens, A. (1991). *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tomaz Tadeu da Silva, transl.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. (G. Arnhold; M. F. A. Parado, trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1987).
- Heidegger, M. (1999). *Ser e tempo: Parte I*. (M. S. Cavalcante, trad.). Petrópolis: Vozes (Originalmente publicado em 1927).
- Heinämaa, S. (1999). Simone de Beauvoir's Phenomenology of Sexual Difference. *Hypatia*, 14(4), 114-132. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3810830>
- Heinämaa, S. (2016). Hermeneutics and Feminist Philosophy. In N. Keane, & C. Lawn. (Eds.). *The Blackwell Companion to Hermeneutics*. Chichester: John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118529812.ch68>
- Hutcheon, Linda. (1994). Incredulity toward Metanarrative: Negotiating Postmodernism and Feminisms. In B. Godard (Ed.). *Feminine: Writings on women and culture from Tessera* (p. 186-192). Toronto: Second Story Press.
- Leite, R. R. Q., & Frota, A. M. M. C. (2014). O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica. *Rev. da abordagem gestáltica*, 20(2), 151-160. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200002&lng=pt&nrm=iso
- Lessa, J. M., & Sá, R. N. (2006). A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. *Análise Psicológica*, 3(24), 393-397. <https://doi.org/10.14417/ap.179>
- Lyotard, J.-F. (2009). *A condição pós-moderna*. (Ricardo Corrêa Barbosa, transl.). 12a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Marchiori, G. E. S. (2020). A situação e os mitos da mulher a partir de Simone de Beauvoir. *PET de Filosofia UFPR*, 18(2), 169-195. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/67764/41342>
- Mattar, C. M. (2019). A escuta clínica: entre a psicologização e a análise fenomenológico existencial. *Arquivos do IPUB*, v. 1, p. 72-87. Disponível em: <https://www.ipub.ufrrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1a06.pdf>.
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Rev. Estud. Fem.*, 16(2), 333-357. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/6Y8dcfxYKPXWmyyZmhF5yph>

- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Moller, C. V.; Andrade, C. C. (2011). A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. *Rev. da abordagem gestaltática*, 17(1), 8-17. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003
- Moreira, A. R. L.; Dutra, E. M. S. (2013). Compreendendo a experiência do sofrimento de mulheres na relação amorosa. *Rev. da abordagem gestaltática*, 19(1), 3-4. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100002&lng=pt&nrm=iso
- Moura, C. (2020). Corpo feminino e liberdade em Beauvoir: uma análise feminista fenomenológica. *Em curso - Revista da Graduação em Filosofia*, 7, 14-23. <https://doi.org/10.37038/ec.v7i1.291>
- Narvaz, M. G.; Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicol. estud.*, 11(3), 647-654. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>
- Paixão, M.; Eggert, E. (2011). A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. Em E. Eggert (org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul* (p. 13-22). Santa Cruz do Sul: EDUNISC. Disponível em <http://repositorio.unisc.br:8080/jspui/bitstream/11624/1833/5/Processos%20educativos%20no%20fazer%20artesanal%20.pdf>
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, 24(1), 77-98, disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>
- Piscitelli, A. (2002). Recriando a (categoria) mulher?. In Leila Mezan Algranti (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos didáticos. Campinas, IFCH, 1-25. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2442888&forceview=1>
- Reyes, M. I.; Mayorga, C.; Araújo Menezes, J. (2017). Psicología y Feminismo: Cuestiones epistemológicas y metodológicas. *Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad*, 16(2), 1-8. Disponível em <https://scielo.conicyt.cl/pdf/psicop/v16n2/0718-6924-psicop-16-02-00001.pdf>
- Roehe, M. V. (2012). A Psicologia Heideggeriana. *Psico*, 43(1), 14-21. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11089>
- Sá, R. N. (2002). A Psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54(4), 348-362. Disponível em <https://app.uff.br/slab/uploads/texto41.pdf>

- Sá, R. N., & Barreto, C. L. B. T. (2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(3), 389-394. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300011>
- Saffioti, H. (2000). Conferência: O Segundo Sexo à Luz das Teorias Feministas Contemporâneas. Em C. M. B. Sardenberg, A. B. Motta, & M. Gomes (org.). *Um Diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas* (pp. 15-38). Salvador: NEIM/UFBA. Disponível em <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6878>
- Santos, D. G.; Sá, R. N. (2013). A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. *Rev. da abordagem gestáltica*, 19(1), 53-59. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso
- Santos, L. C. dos., Carvalho, A. B. Amaral, J. G. Borges, L. A., & Mayorga, C. (2016). Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). *Psicol. Soc.*, 28(3), 589-603. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/about>
- Silva, C. A. F. (2018). F. J. J. Buytendijk e a gênese do espírito materno. *Rev. da abordagem gestáltica*, 24(1), 47-56. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000100006&lng=pt&nrm=iso
- Silveira, T. M. (2008). Solidão, amor e sexo na mulher de mais de sessenta anos. *Rev. da abordagem gestáltica*, 14(1), 15-20. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100004&lng=pt&nrm=iso
- Souza, L. M., Maux, A. A. B., & Rebouças, M. S. S. (2019). Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. *Rev. da abordagem gestáltica*, 25(3), 282-293. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000300007&lng=pt&nrm=iso
- Teixeira, J. A. C. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise Psicológica*, 3 (24), 289-309. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/169/pdf>

•
Ana Caroline Fonseca Lopes: Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Campus Londrina.

E-mail: carolcarolinepsico@gmail.com

Endereço para correspondência: Rua Leonardo Gulli, 96. CEP 19027070, Bairro Bela Vista, Presidente Prudente, SP

Hernani Pereira dos Santos: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail: hernani.santos@uece.br

Endereço para correspondência: Rua Joaquim Sá, 856, CEP 60135-218, Dionísio Torres, Fortaleza/CE.

Recebido em: 13/09/2023

Primeira decisão editorial em: 13/12/2023

Aceito em: 21/02/2024